

**Para caminhar sobre as águas:  
Adivinhação e epifania nos poemas “Ave Maria” e “Atlantis”, de Hart Crane<sup>1</sup>**

**João de Mancelos  
(Universidade Católica Portuguesa)**

**Palavras-chave:** Hart Crane, *The Bridge*, visão, epifania, mito

**Keywords:** Hart Crane, *The Bridge*, vision, epiphany, myth

The continent of Atlantis was an island  
Which lay before the great flood  
In the area we now call the Atlantic Ocean.  
So great an area of land,  
That from her western shores  
Those beautiful sailors journeyed  
To the South and the North Americas with ease,  
In their ships with painted sails.  
— Donovan, “Atlantis” (1968).

### **1. Na esfera da adivinhação**

Os futuros possíveis, os segredos da consciência e as manifestações do sagrado — eis a esfera da adivinhação. Prever o amanhã não constitui uma prática desusada, mas sim um elemento bem vivo. Basta abrir as páginas interiores de qualquer jornal para nos depararmos com anúncios a mestres, profetas e videntes. É também rara a revista que não apresenta um horóscopo predizendo, à semana ou ao mês, a influência dos astros na vida humana. Trata-se de um fenómeno universal, quer se adquira a publicação na Europa ou na Ásia, na Oceânia ou nas Américas.

Ao longo da História, a profissão de adivinho era das mais respeitáveis — e arriscadas. Na corte chinesa, por exemplo, os astrólogos eram tidos em consideração, até cometerem o primeiro erro e serem executados (Sagan, 1980: 66). No *Antigo Testamento*, os profetas, como João Baptista, eram abençoados, mas também incorriam em risco de vida. Hodiernamente, a aceitação dos astrólogos continua a ser grande, ainda que o perigo da falibilidade permaneça e não são poucos os adivinhos levados a tribunal por fraude ou profecia incumprida.

Apesar de a adivinhação não ter credibilidade científica, o público continua a frequentar

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Para caminhar sobre as águas: Adivinhação e epifania nos poemas ‘Ave Maria’ e ‘Atlantis’, de Hart Crane”. *Máthesis* (Universidade Católica Portuguesa, Viseu) 8 (1999): 175-183. ISSN: 0872-0215.

os “consultórios” de bruxas, parapsicólogos e adivinhos, pois é intrínseco à natureza humana desejar conhecer o futuro, a sorte, o dinheiro e o amor.

## 2. Videntes, profetas e bardos

Adivinhar é uma capacidade reservada apenas a alguns eleitos, entre os quais se contam não só os videntes e os profetas, mas também os *artistas* e os *escritores*. Hart Crane (1899-1932), um dos mais notáveis poetas modernistas norte-americanos, assumiu a capacidade de auscultar o futuro (Otto, 1992: 192). Ao longo dos textos que compõem *The Bridge* (1930), o autor buscou incessantemente uma revelação através do sonho que surge em “Harbor Dawn”, do sacrifício de “The Dance”, do ritual de passagem em “The Tunnel”.

Por vezes, para obter o dom da visão, Crane invoca os mortos encontrando-se com alguns espíritos diletos: Walt Whitman (1819-1892) emerge, celestial, em “Cape Hatteras”; Edgar Allan Poe (1809-1849) sucede-lhe na profundidade de “The Tunnel”; Emily Dickinson (1830-1886), na bucólica composição “Quaker Hill”. No entanto, mais importante do que qualquer encontro com estes autores canónicos é a *visão* grandiosa que Crane tem da América futura, sobretudo nas secções “Ave Maria” e “Atlantis” da sua obra mais ambiciosa, *The Bridge* (1930).

O primeiro texto, “Ave Maria,” evoca a revelação de Cristovão Colombo (1451-1506): a descoberta da América física; o segundo, “Atlantis”, a epifania de Crane: a visão da América utópica. Ambos constituem uma espécie de *prece* para que a revelação aconteça e o poeta seja iluminado.

O título do primeiro texto remete, de imediato, para a oração, na sequência da prece apresentada no “Proémio”. Encalhado na ilha de Jamaica, desiludido, o navegador implora a chegada ao bom porto ou um lugar seguro, quando a visão acontece, subitamente:

Till dawn should clear that dim frontier, first seen  
The Chan's great continent . . . Then faith, not fear  
Nigh surged me witless . . . Hearing the surf near —  
I, wonder-breathing, kept the watch, — saw  
The first palm chevron the first lighted hill.  
(vv. 20-24)

Acreditando no milagre, Colombo vê a margem vir até ele, e não o oposto, como seria natural: “The jellied weeds that drag the shore” (v. 52). Como nota Paul Giles (1986: 77), esta oferenda dos deuses consiste não apenas na chegada ao Novo Mundo (“world”), mas também no nascimento de uma nova palavra (“word”): “The *word* I bring” (v. 3).

Em “Atlantis”, Crane imita Colombo, pois também ele ora à Virgem e a Deus e tenta

renovar a palavra através da sua forma mais sublime, a poesia. Este projeto não é parco de ambição, nem isento de dificuldades. Será a América futura uma terra de *espírito* ou um reino de *materialismo*? Esta dialética (nos vários sentidos do termo: *oposição*, *complemento*, *interação*) insere-se na sempiterna contenda entre o *sagrado* e o *profano*, uma ansiedade que talvez Colombo tenha experienciado. Por um lado, historicamente, as expedições do navegador tiveram por fundamento *interesses materiais*. Luis de Santángel (falecido em 1498), guardião do tesouro da rainha, persuadira a monarca a aceitar as condições de Colombo para efetuar a expedição: o título de almirante do mar oceano, vice-rei e governador das terras descobertas, bem como dez por cento do rendimento (Colombo, 1966: 5-6).

Por outro lado, o *espiritual*, a fama gloriosa de quem desvendasse uma nova terra, sobrepor-se-ia a qualquer materialismo. Por isso, em “Ave Maria”, o descobridor adverte contra a corrupção que as sedutoras riquezas proporcionam: o verso “Yet no delirium of jewels” (v. 46) recorda que a travessia oceânica é também um teste espiritual à coragem e à perseverança: ali se sacrificam vidas e naus, como num ritual iniciático.

A preocupação do sujeito poético em conciliar *sagrado* e *profano* era partilhada por Colombo. Os dois últimos versos da sexta estância de “Ave Maria”, “Take of that eastern shore, this western sea, / Yet yield thy God’s, thy Virgin’s charity”), recordam a exortação que Colombo faz ao rei Fernando II de Aragão (1452-1516), no final da *Epistola de Insulis Nuper Inventis* (1493): “Graças ao Altíssimo que providencia novos reinos para vós e para si mesmo, e que te exorta a seres simultaneamente poderoso e piedoso” (Columbus, 1966: 9, trad. minha).

No entanto, tal preocupação não foi atendida nem por Fernando II nem por alguns dos monarcas espanhóis posteriores. Colombo “descobriu” a América, mas os sonhos de um império espiritual, da Nova Jerusalém, que os primeiros colonos acalentavam, depressa cederam lugar a uma ambição cruel e desmedida: o genocídio de povos inteiros na América latina e a submissão forçada da cultura velha na europeia. O percurso ascético de Crane por *The Bridge* retoma a vontade de Colombo, a esperança de reciclar esse projeto espiritual, sem abdicar do progresso tecnológico.

Neste contexto, compreende-se que Crane pretendesse, inicialmente, escolher para título do último poema, “Cathay” (Cataio), a terra onde o descobridor julgava ter desembarcado. Simbolicamente, o bardo assumiria a função de um Colombo em busca de uma Nova América, como Whitman no célebre “Prayer of Columbus”, que elogia o espírito empreendedor do homem do mar.

Uma ideia germinava na mente de Crane: por que não utilizar o mito da Atlântida e aplicá-lo a essa *América a cumprir*? No Estio de 1926, o escritor confessa a alguns amigos o interesse e entusiasmo pela obra recém-editada *Atlantis in America* (1925), do poeta e ocultista

Lewis Spence (1874-1955) (Berthoff, 1989: 108-109). Influenciado pelo volume, opta por batizar o texto que encerra a coletânea com o nome da célebre cidade, uma escolha que acarreta implicações míticas, simbólicas e metafóricas.

Para melhor compreender este processo de *construção de um mito sobre outro*, convém recordar a lenda da Atlântida. Nos diálogos de Timeu e Critias, o filósofo grego Platão (428-347 a.C.) descreve-a como uma ilha ampla, abastada e poderosa, em frente às colunas de Hércules ou estreito de Gibraltar. Porém, no escasso intervalo de um dia e uma noite, esta ter-se-ia afundado devido a um cataclismo natural.

A precisão da narrativa, quando conjugada com a ausência de qualquer rasto desta terra, abriu ao leitor de todos os tempos a latitude da fantasia. Entre romancistas, cientistas e crentes, as divagações e debates sobre a Atlântida têm sido prolíferos, ainda que, até à data, não se apresente qualquer prova da existência desse território perdido (Silva, 1977: 1286-1287). Tanto melhor, pois assim a ilha fabulosa cumpre a função de um símbolo estimulante: *a cidade perdida/a cidade a encontrar*, uma espécie de pedra filosofal que, alargadamente, pode ser sinónimo de tudo quanto se pode procurar, mas não é atingível.

### **3. Atlântida, tudo o que não se pode atingir**

Bastou à poeta russa Marina Tsvetáieva (1892-1941) um só verso para definir o perfil de um escritor: “Todos os poetas são judeus”. Tal como Asvero, o judeu da tradição oral cristã, condenado a vagar pelo mundo até ao final dos tempos, o homem ou mulher de letras procurará constantemente o ideal estético, a *sua* Atlântida. Esta viagem não tem destino, porque a perfeição é impossível de encontrar. Tal não constitui motivo de desistência, pois o artista digno desse nome é paciente, um busca-polos da energia inspiradora, um visionário aguardando a epifania.

Também o processo de escrita surge metaforicamente ligado à água: Salmon Rushdie descreve o ofício criativo como um misturar de rios, um de verdades, outro de ficções. Na mesma linha, a escrita automática é designada em inglês por “stream of consciousness”, ou corrente de consciência. A perspetiva não é muito diferente, se pensarmos nas lendas. Apolo, personificação da figura do artista, tem o seu destino no oceano: depois de morto e desmembrado, os seus restos desceram por um ribeiro até ao mar e foram enterrados na ilha de Lesbos. Similarmente, no mundo islâmico, o poeta sofrido é representado por Na’am, também ele desaparecido nas águas, emergindo por vezes sob a forma de anémone, uma palavra de origem árabe que significa “feridas de Na’am”.

Mais interessante é o relacionamento tecido entre água, adivinhação e escrita. A

observação da matéria líquida, antecedente da bola de cristal, era uma das formas mais populares de prever o futuro. Outras técnicas incluíam a genetliologia (posição dos planetas no dia do parto), a oniromancia (interpretação de sonhos), a iatromancia (observação das entranhas de animais), a quiromancia (deitar cartas), etc. (Mattoso, 1977: 427).

Interessa-me, sobretudo, o fenómeno da visão artística também designada por *epifania do escritor*. Alguns autores, como Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) ou Fernando Pessoa (1888-1935), afirmavam que durante o transe da inspiração tinham revelações intelectuais e, mergulhando no subconsciente, antecipavam o futuro. Qual é, afinal, o poeta que não se tem como visionário, pelo menos do seu íntimo? E quantos não estimularam a criatividade, recorrendo ao ópio, ao álcool ou a outros estupefacientes — como Samuel Thomas Coleridge (1772-1834), William S. Burroughs (1914-1997) ou Allen Ginsberg (1926-1997)?

É, pois, significativo que Crane tenha escolhido a Atlântida como metáfora da situação do seu país. No início do século XX, a América de Colombo e dos Puritanos há muito se afundara, como o continente perdido. Era urgente *reinventá-la*, transformá-la numa terra onde o progresso e a arte não se digladiavam, mas antes *harmonizavam*, como na ilha mítica que Platão pormenorizadamente descreve.

O poema “Atlantis” é complexo, obscuro e sobrecarregado de imagens nem sempre convenientemente articuladas, mais resultado de um trabalho a quente do que uma inspiração peneirada pela reescrita. No entanto, apesar de todos os excessos da forma, o conteúdo contribui decisivamente para a temática de *The Bridge*. O sujeito poético parte, na companhia de Jasão, rumo à América futura, esperando que esta ressurgirá das águas estagnadas do materialismo para um novo horizonte de harmonia. A palavra *harmonia* é a mais apropriada, pois representa a *conciliação* entre a América do espírito e a do material. Numa carta dirigida ao pai, em 1917, o poeta explica a importância deste conceito: “There is only one harmony, that is the equilibrium maintained by two opposite forces, equally strong” (Crane, 1965: 5).

Por outro lado, o termo *harmonizar* apresenta uma conotação musical que se aplica a todo o texto, já que este se encontra imbuído de música. O próprio vocabulário utilizado é prova disso: “vozes”, “coro”, “canção”, “cântico”, “sons serenos”, “sincopar”, “ressoar”, “zunir”, “sussurros antifonários”, “pautas”, “oitavas”, etc. Neste contexto, a ponte de Brooklyn, em Nova Iorque, surge poeticamente como sendo uma harpa: os cabos de aço fazem as vezes de cordas e a estrutura (tabuleiro e pilares) constituem o quadro que as encaixa e distende.

Qual é o objetivo desta sinfonia de palavras? Por um lado, *Jasão feito Colombo* entoava um cântico para obter uma visão da América futura, espécie de Atlântida emergindo das águas. Por outro, *Jasão feito poeta* pretende que o seu hino seja digno do amanhã, e assim invoca a ilha desaparecida em busca de inspiração, da mesma forma como Luís Vaz de Camões

(1524/1525-1580) clama pelas ninfas do Tejo, na epopeia *Os Lusíadas* (1572).

No poema de Crane, durante a viagem, as harmonias vão surgindo, espécie de preâmbulo à aparição da Atlântida. É nas duas últimas oitavas do texto, climáticas, que Jasão assiste a uma série de visões fantásticas: primeiro, uma flor marítima (v. 84), a seguir uma anémoma (vv. 85-86) e, finalmente, a própria Atlântida (v. 87). O leitor poderia julgar que a missão estava cumprida e o objetivo alcançado. No entanto, tão subitamente como aparece, a ilha também naufraga, fazendo precisamente o percurso de transformação inverso: Atlântida, anémoma, flor marítima. Como num círculo, regressa-se ao início, revelando que Jasão teve a sua epifania, mas apenas por um *momento* (Uroff, 1974: 145).

#### 4. O poema em círculo

Significa este epílogo que o poeta falhou e os sonhos do navegador deram à costa? Aventuro uma hipótese mais otimista: não será este texto uma espécie de dança de recriação, em que todo a tribo baila para que o universo se reinicie? Não é verdade que no mito e na religião tudo é cíclico, regressa e nunca desaparece de vez? Que Murdoc visita, anualmente, os humanos? Que Jesus Cristo nasce sempre em cada Natal? Se assim é, a Atlântida naufragada voltará a emergir, bastando para tal ler a sua história ou reescrevê-la. Alguns versos do poema indiciam esta permanência e, portanto, a possibilidade do regresso: “Forever Deity’s glittering Pledge” (v. 73), “(...) O Thou whose radiance doth inherit me” (v. 85), “thine Everpresence, beyond time” (v. 89).

Crane fechou um círculo, atou as pontas ao mito, unindo a terra naufragada do passado (a América dos bens materiais) à ilha do futuro (a América das artes e do espírito). Como poeta, fez uma tentativa esforçada para atingir a beleza inatingível. No entanto, a visão da Atlântida foi tão intensa que o *visível* encandeia e, portanto, se tornou, *outra vez, invisível*.

Talvez não pudesse ser de outra forma, porque o sagrado é ininteligível, ou, nas palavras do psiquiatra e filósofo Karl Jaspers (1883-1969), “um deus provado não seria deus; seria apenas uma coisa do mundo” (Guerra, 1980: 135). Assim permaneça a Atlântida, submersa para que possa ser entregue, mítica e intacta, a todos os artistas, os que caminham sobre as águas, e demandam o que jamais podem encontrar.

## Bibliografia

- Berthoff, Warner. *Hart Crane: A Re-Introduction*. Minneapolis: U of Minnesota P, 1989.
- Brunner, Edward. *Splendid Failure: Hart Crane and the Making of The Bridge*. Urbana: U of Illinois P, 1985.
- Colombo, Christopher. *Epistola de Insulis Nuper Inventis by Christopher Colombo*. Ann Arbor:U of Michigan P, 1966.
- Eliade, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil, 1980.
- Crane, Hart. *The Letters of Hart Crane: 1916-1932*. Ed. Brom Weber. Berkeley: U of California P, 1965.
- Crane, Hart. *The Complete Poems and Selected Letters and Prose of Hart Crane*. Ed. Brom Weber. New York: Anchor, 1966.
- Giles, Paul. *Hart Crane: The Contexts of The Bridge*. Cambridge: Cambridge UP, 1986.
- Guerra, Maria Luísa. *Temas de Filosofia*. Porto: Empresa Literária Fluminense, 1980.
- Mattoso, A. "Adivinho". *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol.1, 1997. 427.
- Otto, Rudolf. *O Sagrado*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1992.
- Sagan, Carl. *Cosmos*. Trad. Maria Auta de Barros, e Isabel dos Santos. Lisboa: Gradiva, 1980.
- Schoell, Frank L. *História dos Estados Unidos*. Lisboa: Editora Aster, 1977.
- Silva, A. Pereira. "Visão". *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 18, 1977. 1286-1287.
- Uroff, Margaret. *Hart Crane: The Patterns of His Poetry*. Urbana: U of Illinois P, 1974.
- Whitman, Walt. *The Complete Poems*. London: Penguin, 1986.

## Resumo

O poeta modernista norte-americano Hart Crane, na sua obra maior, *The Bridge* (1930), procura harmonizar a América materialista do passado com a América espiritual do futuro. Pretendo demonstrar que, nas composições "Ave Maria" ou "Atlantis", a) o sujeito poético se assume como um vidente ou profeta, capaz de vislumbrar o amanhã; b) ambiciona cantar a América do devir, espécie de Atlântida ressurgida das águas. Para tanto, recorro à obra e às cartas de Crane, ao trabalho de ensaístas reputados e à minha opinião.